

A HISTÓRIA MEDIEVAL E SEUS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATOS DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM DO PARÁ*

Geraldo Magella de Menezes Neto

Lívia Lariça Silva Forte Maia

Professor da graduação e da pós-graduação em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Professor do ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Belém-PA (SEMEC). Atualmente é Doutorando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi coordenador do projeto de iniciação científica “O ensino de História Medieval nas escolas de Belém do Pará: práticas e desafios”, desenvolvido com o apoio da FIBRA entre 2014 e 2016.

E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

Licenciada em História pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Professora do Centro de Estudos Fibonacci, de Belém-PA. Atualmente é Pós-Graduanda em História Moderna pela FIBRA. Foi bolsista de iniciação científica do projeto “O ensino de História Medieval nas escolas de Belém do Pará: práticas e desafios”, entre 2014 e 2015.

E-mail: larissaforte88@gmail.com

* Este trabalho também recebeu as importantes contribuições dos ex-bolsistas de iniciação científica Alan Rogério Raiol Ferreira, Athos Linnus Marinho de Siqueira e Suellen Cristina Rodrigues de Lima, os quais agradecemos. Os autores agradecem à Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), em especial à professora Célia Brito, coordenadora da Iniciação Científica da FIBRA, pelo apoio na realização do projeto intitulado “O ensino de História Medieval nas escolas de Belém do Pará: práticas e desafios”, desenvolvido entre abril de 2014 e fevereiro de 2016, do qual foi originado este artigo. Agradecemos também a Nanci Luana, Charles Engels e Clara Monteiro que fizeram parte da primeira etapa do projeto como bolsistas de iniciação científica entre 2014 e 2015. Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas no IX Encontro Regional de História da ANPUH-PA, realizado em Belém-PA em novembro de 2014, e no VI Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão, realizado em São Luís-MA em outubro de 2015.

A HISTÓRIA MEDIEVAL E SEUS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATOS DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM DO PARÁ

THE MEDIEVAL HISTORY AND ITS CHALLENGES IN BASIC EDUCATION: PUBLIC SCHOOL TEACHERS REPORTS FROM BELÉM (PARÁ STATE, BRAZIL)

Geraldo Magella de Menezes Neto

Lívia Lariça Silva Forte Maia

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar as práticas e desafios no ensino da História Medieval na educação básica a partir dos relatos de professores que atuam em escolas públicas de Belém do Pará. Por meio de entrevistas com professores, o trabalho analisa quais conteúdos de História Medieval são priorizados em sala de aula; o modo como os professores utilizam os livros didáticos nos conteúdos referentes à História Medieval; quais recursos didáticos são utilizados nas aulas de História Medieval nas escolas; os desafios de se ensinar esse tema na escola pública; e como os professores avaliam as contribuições da sua formação nos cursos de História nas práticas de ensino em História Medieval. Entendemos que para se falar em ensino de História Medieval é necessário ouvir aqueles que tem o desafio diário de ensinar na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; História Medieval; Práticas de Ensino.

ABSTRACT

This article aims to analyze the practices and challenges in the teaching of Medieval History in basic education based on the reports of teachers who work in public schools in Belém (Pará State, Brazil). Through interviews with teachers, the work analyzes which contents of Medieval History are prioritized in the classroom; The way in which teachers use textbooks in the contents related to Medieval History; Which didactic resources are used in Medieval History classes in schools; The challenges of teaching this subject in the public school; And how the teachers evaluate the contributions of their formation in the courses of History in the practices of teaching in Medieval History. We understand that to talk about teaching Medieval History it is necessary to listen to those who have the daily challenge of teaching in basic education.

KEYWORDS: History teaching; Medieval History; Teaching Practices.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a chamada Idade Média¹ pelos pesquisadores brasileiros é fenômeno recente se comparado a outras áreas da História. Sua expansão data do final do século XX, principalmente na década de 1990, quando ao lado dos cursos de pós-graduação, os laboratórios, grupos e centros de pesquisa passaram a desempenhar papel de primeira importância na formação dos especialistas em história medieval. (ALMEIDA, 2013, p. 7).

Dentre essas pesquisas em História Medieval no Brasil, algumas se voltam para a temática da Idade Média na escola. Percebemos duas tendências nessa área: a primeira refere-se à análise das representações da Idade Média nos livros didáticos; a segunda refere-se à sugestões de recursos didáticos no ensino de História Medieval. Abordaremos brevemente estas duas tendências.

Acerca das representações da Idade Média nos livros didáticos, a maioria dos pesquisadores posiciona-se de forma crítica, destacando vários equívocos, reducionismos ou estereótipos veiculados nos livros. José Rivair Macedo afirma que o que orienta a reprodução do conhecimento relativo à Idade Média europeia nos livros didáticos de ensino fundamental e médio é a “evolução das formas de governo, isto é, o governo temporal dos reinos dos reinos e do império, e o governo espiritual/temporal da Igreja”; a “configuração dos grupos sociais, com particular ênfase das relações de dominação entre senhores feudais e camponeses, ou então na formação e decadência do feudalismo e a germinação do capitalismo moderno.” (MACEDO, 2011, p. 111). Já Nilton Pereira e Marcello Giacomoni, apontam que os livros didáticos ainda veiculam uma imagem da Idade Média a partir da crítica iluminista, ou seja, como uma “Idade das Trevas”, um período de fome, miséria, sem produção de conhecimento, além de generalizar o sistema feudal para todo o período de 1000 anos e em todo o espaço europeu, e de classificar a sociedade medieval segundo a teoria das “três ordens”, constituídas apenas de clero, nobreza e camponeses. (PEREIRA, GIACOMONI, 2008).

Acerca das sugestões de recursos didáticos, Edlene Silva sugere o cinema, pois “um filme histórico pode ser um meio eficaz para se discutir a fidelidade ou não da época

¹ O termo “Idade Média” foi criado no século XVI. O termo expressava, segundo Hilário Franco Júnior, “um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI.” (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 11). Optamos por utilizar esse termo, mesmo sabendo do contexto de sua criação, em virtude de estar consolidado nas pesquisas históricas e no saber histórico escolar.

retratada, mesmo que não faça parte da intenção do diretor que ele seja uma aula de história”. (SILVA, 2011, p. 4). O filme *O nome da Rosa*, por exemplo, pode ser um importante meio para o ensino de história medieval. Destaca-se que apesar dos riscos anacrônicos ou técnicos que uma produção cinematográfica pode apresentar “*O Nome da Rosa* (1986) é um filme cuja fidelidade histórica à época medieval é ressaltada por muitos estudiosos do cinema” (SILVA, 2011, p. 5). Já Johnni Langer destaca uma diversidade de opções de histórias em quadrinhos ambientadas na Idade Média, a exemplo de *Hagar, o horrível*, de Dik Browne e *Asterix*, de Goscinny e Uderzo. Geralmente utilizadas com caráter humorístico, exageros dos estereótipos de medievo difundidos a partir do renascimento são comuns neste tipo de recurso, e é exatamente este ponto que pode ser explorado nas atividades em classe sendo a análise da imagem o alvo da proposta pedagógica com quadrinhos: “O mais importante é fazer com que os alunos percebam a importância de refletir o que veem – e a partir disto, poder criar um entendimento sobre a história e suas possíveis reinterpretações” (LANGER, 2009, p. 2).

Os estudos citados acima, bem como outros que seguem a mesma linha, ora analisando livros didáticos, ora sugerindo recursos didáticos para o ensino da Idade Média, são importantes contribuições para as pesquisas sobre História Medieval no Brasil. No entanto, percebemos que tem a lacuna de não abordarem as práticas de ensino adotadas pelos professores, nem de atividades que realmente tenham sido colocadas em práticas nas escolas. Assim, tais estudos estão distantes das realidades enfrentadas por quem tem o desafio de ensinar História Medieval no ensino básico. Desse modo, consideramos essencial ouvir os professores do ensino fundamental que lecionam a temática da Idade Média. Nesse sentido, o presente artigo pretende analisar alguns relatos de professores da educação básica sobre o ensino da História Medieval, suas dificuldades, recursos utilizados, práticas de ensino e se a formação que tiveram no ensino superior foi adequada para a docência.

O artigo é fruto do projeto de iniciação científica intitulado “O ensino de História Medieval nas escolas de Belém do Pará: práticas e desafios” desenvolvido entre abril de 2014 e fevereiro de 2016, com o apoio financeiro da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). O projeto contou com três bolsistas de iniciação científica no primeiro ano e três no segundo ano. Nesse período, entrevistamos nove professores da rede pública de ensino da cidade de Belém.

A METODOLOGIA DE PESQUISA E OS ENTREVISTADOS

Para termos uma ideia de como tem sido o ensino de História Medieval nas escolas de Belém do Pará, torna-se necessário pôr em evidência a voz daqueles que são os responsáveis em ministrar esses conteúdos junto aos alunos: os professores. As entrevistas estão sendo realizadas a partir do aporte teórico da chamada História Oral. Segundo Verena Alberti, a História Oral “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes”, que consiste “na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado.” (ALBERTI, 2005, p. 155).

Sônia Maria de Freitas divide a História Oral em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida e história temática (FREITAS, 2002, p. 19). Trabalhamos com o gênero da “história temática”, que “é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico.” Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando “em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontado divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.” (FREITAS, 2002, pp. 21-22).

Acerca da ideia de “testemunho oral”, Danièle Voldman o define como um depoimento, solicitado por profissionais da história, “visando a prestar contas, a uma posteridade mediada pela técnica histórica, da ação da testemunha.” A “ação” refere-se a um sentido amplo, que engloba “o fato, o acontecimento, o sentimento e a opinião, o comentário e a lembrança do passado.” (VOLDMAN, 2005, p. 256).

Alessandro Portelli aponta que o que torna a história oral diferente é que ela “nos conta menos sobre eventos que sobre significados.” As entrevistas “sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos.” (PORTELLI, 1997, p. 31). Portelli destaca que a história oral “é contada de uma multiplicidade de pontos de vista”, e que a confrontação de “diferentes parcialidades” é “uma das coisas que faz a história oral interessante.” (PORTELLI, 1997, p. 39). Paul Thompson destaca que nos depoimentos, “fatos e eventos são relatados de um modo que lhes atribui um significado social”, a informação oferecida pela evidência da entrevista sobre eventos recentes, ou situações em curso (como é o caso do presente projeto), “situa-se em algum ponto entre o comportamento social concreto e as expectativas ou normas sociais da época.” (THOMPSON, 1992, p. 149).

Entendemos que as entrevistas realizadas com a metodologia da história oral podem ser um meio de entendermos as práticas de ensino de História Medieval nas escolas de Belém

e os desafios que os professores encontram na hora de ministrar esse assunto. Elas nos revelam mais do que se focarmos nossa análise apenas em fontes como o livro didático, por exemplo.

Foram realizadas nove entrevistas com professores da rede estadual de ensino do Pará, e da rede municipal de ensino de Belém. Os dados dos professores entrevistados seguem abaixo no Quadro 1. Optamos por não divulgar os nomes dos entrevistados para deixá-los com mais liberdade de relatar suas experiências, emitir suas opiniões sobre a realidade vivenciada e sobre a formação que tiveram nos cursos de graduação. Durante os contatos para as entrevistas percebemos que havia um receio por parte de vários professores de serem “julgados” por suas práticas de ensino, o que reforçou a nossa escolha por não revelar seus nomes, mesmo deixando claro aos depoentes que nosso objetivo não era “julgá-los”, mas entender e problematizar as práticas de ensino de História Medieval.

QUADRO 1: Relação de entrevistados

ENTREVISTADOS	DATA DA ENTREVISTA	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE DOCÊNCIA	VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL
Professor A	18/06/2014	30 anos	Licenciado/ Bacharel (2007) / Mestre em História Social da Amazônia (UFPA)	9 anos	Secretaria de Educação do Pará (SEDUC)
Professor B	11/09/2014	31 anos	Licenciado/ Bacharel (2007) / Especialização em Educação Social de Jovens (UEPA)	5 anos	Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC)
Professor C	16/10/2014	28 anos	Licenciado/ Bacharel (2009) / Especialização em Educação Social de Jovens (UEPA)	6 anos	Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC)
Professor D	12/11/2014	39 anos	Licenciado/ Bacharel (2003) / Especialização em Imagem e Sociedade (UFPA)	11 anos	Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC)

Professor E	19/06/2015	29 anos	Licenciado/ Bacharel (2007)/ Especialização em Amazônia: história, espaço e cultura (FIBRA)	7 anos	Secretaria de Educação do Pará (SEDUC)
Professor F	21/09/2015	29 anos	Licenciado/ Bacharel (2008) / Pós-graduando em Educação (IFPA)	7 anos	Secretaria de Educação do Pará (SEDUC)
Professor G	10/07/2015	28 anos	Licenciado/ Bacharel (2009) / Mestre em História Social da Amazônia (UFPA)	3 meses	Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC)
Professor H	10/11/2015	39 anos	Licenciado/ Bacharel (2002) /Especialização em Teologia e Realidade: Trabalho e Doutrina Social (CESUPA)/ Mestre em História Social da Amazônia (UFPA)	13 anos	Secretaria de Educação do Pará (SEDUC)
Professora I	17/12/2015	29 anos	Licenciado/ Bacharel (2009) / Especialização em Educação para Relações étnico-raciais (IFPA)/ Mestre em História Social da Amazônia (UFPA)	12 anos	Rede municipal do Acará ²

O processo das entrevistas se deu da seguinte maneira: em primeiro lugar se estabeleceu o critério de entrevistarmos apenas aqueles ligados às escolas públicas de Belém; priorizamos as escolas públicas porque são as que dispõem de menos infraestrutura para auxiliar na atividade do professor, daí nosso interesse em investigar como eles trabalham com os alunos um tema aparentemente distante temporalmente e espacialmente como a História

² No momento da entrevista, a professora estava lecionando na rede municipal do município do Acará, localizado a 66 km de Belém. Por conta de ter uma vasta experiência de ensino na educação básica em Belém e por ter trabalhado em comunidades indígenas e quilombolas, consideramos importante entrevistar a referida professora.

Medieval. Em segundo lugar, fizemos os contatos com os professores que já conhecíamos que se dispunham a fazer um depoimento, e com outros professores indicados por outras pessoas; em terceiro lugar, marcamos as entrevistas, solicitando autorização para gravar o áudio dos depoimentos; por fim, após as entrevistas, realizamos as transcrições.

O SIGNIFICADO DE “IDADE MÉDIA” PARA OS PROFESSORES

Uma das primeiras questões investigadas nos depoimentos é o significado de Idade Média para os professores. Aqui encontramos diversas compreensões:

Bom, a Idade Média, eu acho que eu tenho uma concepção bem cronológica, que é o período que se refere ao período de formação e consolidação do Feudalismo que vai do século V com a queda do Império Romano do Ocidente e que abrange até o período, enfim, até 1453 com a queda, com a tomada de Constantinopla, com o processo de decadência do Feudalismo, então... e do Império Romano do Oriente, Império Bizantino, mas eu pego esse recorte do período de formação, consolidação e desfragmentação do Feudalismo. (PROFESSOR E. Entrevista em 19/06/2015).

No depoimento acima, percebemos, como o próprio professor diz, uma concepção cronológica da Idade Média, que corresponde o período do século V ao século XV. Tal concepção é influenciada pelos renascentistas e iluministas da chamada “Idade Moderna”. Conforme Hilário Franco Júnior, o sucesso do termo “Idade Média” veio com o manual escolar do alemão Christoph Keller (1638-1707), publicado em 1688. O sentido básico seria que o período medieval “teria sido uma interrupção do progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI.” (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 12).

Diante do exposto podemos visualizar que esta não é uma perspectiva compartilhada apenas por um único professor, e apesar de alguns docentes compreenderem que existe um debate sobre as chamadas “fraturas cronológicas”³ e as polêmicas sobre a Idade Média, a maioria dos docentes entrevistados na pesquisa opta pelo recorte clássico. Dentre estes temos os casos dos Professores A, B, C, D e E. Como exemplo, vejamos o relato do professor B sobre essa periodização:

Fim do Império Romano das invasões bárbaras à consolidação das práticas dos costumes do feudalismo, que é um período que tem que ser trabalhado pra poder falar sobre feudalismo (...) o feudalismo não surgiu de uma hora pra outra, ele teve

³ Termo utilizado por Christian Amalvi em seu capítulo sobre a discussão da Idade Média. Ver AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval, vol. I.** Bauru-SP: Edusc, 2006.

que ter séculos e séculos pra poder se fortalecer e se tornar tão forte até mais ou menos século XIII, século XIV. (Professor B. Entrevista em 11/09/2014).

Cabe ressaltar que essa baliza cronológica é revisitada quando o historiador Jacques Le Goff, fazendo um bom uso da célebre frase de Marc Bloch que diz: “a história é a ciência dos homens no tempo”. (BLOCH, 2001, p.8), com tal citação nos apresenta uma perspectiva do Medievo através de uma inovadora relação com o tempo. Neste sentido, o autor coloca em voga a periodização da História e questiona os riscos da simplificação, da homogeneização esquemática e didática da História para caber em uma tradição quadripartite. (LE GOFF, 2015).

Nessa direção, Le Goff não compartilha da ideia tradicionalmente difundida de que a Idade Média tenha se encerrado ao final do século XV. Segundo o autor permaneceu a dependência de uma economia de base rural, com a mesma fragilidade das máquinas, uma continuidade da forte presença da Igreja, a permanência das mentalidades “feudais”, e a influência da crença e da ritualística monárquica. Desta maneira, boa parte das técnicas de produção econômicas e marítimas que se difundem na Europa e que são enunciadas na Idade Moderna, na verdade tem seu desenvolvimento na Idade Média, desta forma, o autor cita inúmeros exemplos e lista vários argumentos para ilustrar os fundamentos políticos, sociais e econômicos que a chamada modernidade ignora ao fazer a ruptura do Renascimento entre os séculos XV e XVI. Portanto, Jacques Le Goff não considera que a Idade Média tenha sido finalizada com “a ruptura do Renascimento”, mas sim com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII e com as transformações trazidas pela Revolução Francesa nas questões políticas, sociais e mentais. (LE GOFF, 2015). Contudo, é notório que os denominados “fragmentos de Idade Média” sobreviveram durante o século XIX.⁴

Por outro lado, percebemos que há outras visões do termo “Idade Média”, com professores reconhecendo tratar-se de um termo construído historicamente, e não um período fechado no tempo:

(...) na verdade esse termo Idade Média, tem que saber que ele foi construído, uma periodização da história. (Professor D. Entrevista em 12/11/2014)

⁴ Para corroborar tal percepção Jacques Le Goff utiliza autores como Fernand Braudel e Franco Cardini que falam sobre a continuidade entre Idade Média e Renascimento. Como exemplos, o autor cita a permanência majoritária do cristianismo, do regime monárquico e da difusão lenta do conhecimento que passa por transformações com a criação da enciclopédia no século XVIII. Desse modo, para o autor certos aspectos da nossa civilização não se desenvolveram contidos na determinação das datas oficiais. Ver: LE GOFF, Jacques. Uma Longa Idade Média. In: **A História pode ser dividida em pedaços?** São Paulo: Editora Unesp, 2015, pp. 97-130.

Bom, primeiramente, a Idade Média é um termo que foi construído por indivíduos da Idade Moderna, por exemplo, indivíduos que tiveram na Idade Moderna e entenderam que o período anterior ao que eles consideravam Idade Moderna, ou seja, aquele período do Iluminismo, era chamada Idade Média (Professor G. Entrevista em 10/07/2015).

Como podemos observar, alguns docentes demonstram preocupação com a temporalidade e com o fato de que o recorte clássico e bipartido em Alta e Baixa Idade Média pode não abranger ou encerrar os processos que se desenvolveram neste período. Como enunciado pelo professor F:

Idade Média, ela é abordada tanto em sala de aula como a partir dos referenciais que foram discutidos dentro da academia como um período do curso da História que possui algumas balizas até imprecisas, desde a sua...especialmente atadas a questão do seu término né. (Professor F. Entrevista em 21/09/2015).

Perspectiva que pode ser corroborada pelo medievalista Hilário Franco Júnior, quando este aponta que a História é feita de processos, de continuidades e rupturas, não se trata de um sistema estanque, portanto este aduz que: “sendo a história um processo, naturalmente se deve renunciar a busca por um fato específico que teria inaugurado ou encerrado um determinado período” (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 14).

Acerca da associação do termo Idade Média e “Idade das Trevas”, ligação que persiste nos dias de hoje, há uma preocupação dos professores de História em desmistificar essa visão e ressaltar algumas contribuições do medievo:

A Igreja, instituição muito atacada pelos renascentistas, depois pelos filósofos iluministas do século XVIII, ela teve sim uma grande importância para o desenvolvimento das Ciências ao longo da Idade Média e os estudos, como por exemplo, os estudos sobre vulcões, estudos sobre terremotos, abalos sísmicos, quem iniciou esses estudos? A Igreja. Então, de uma forma geral a Idade média é uma Idade muito rica né. (Professor H. Entrevista em 10/11/2015)

Este depoimento é importante porque o professor H desmistifica a visão negativa que se criou da Idade Média e da Igreja Católica pelos renascentistas e iluministas. É necessário problematizar a ideia de que na época medieval houve uma interrupção do conhecimento científico, ou que foi um período baseado na “superstição”. Tal visão tinha um objetivo bem claro, o de tratar o Medievo como “Idade das Trevas”, visão esta ainda bastante veiculada nas mídias.

CONTEÚDOS SOBRE A IDADE MÉDIA TRABALHADOS PELOS PROFESSORES

A Idade Média sempre esteve presente no currículo de História no Brasil, até porque, segundo Elza Nadai, a história inicialmente estudada no país, foi a História da Europa Ocidental, apresentada como “a verdadeira História da Civilização”. (NADAI, 1992/1993, p. 146).

No início da República, no currículo dos ginásios do estado de São Paulo, por exemplo, o estudo da Idade Média era feito no quarto ano. Conforme Nadai, “iniciava-se com o estudo dos ‘bárbaros’ germânicos, o Império Bizantino no reinado de Justiniano, continuava com os árabes, Carlos Magno, feudalismo até a estruturação da Igreja Católica”. (NADAI, 1992/1993, p. 148). Será que os conteúdos trabalhados pelos professores de Belém hoje seguem essa linha? No que diz respeito aos conteúdos priorizados pelos professores podemos notar que há uma diversidade de assuntos abordados em sala.

Percebe-se que na sua maioria os professores procuram abranger principalmente o feudalismo e as relações de trabalho no âmbito feudal: “Economia. É... vou falar de forma geral de acordo com o conteúdo. Sociedade, as relações de trabalho e a própria política, a igreja também, como a igreja atuava dentro desse período.” (PROFESSOR D. Entrevista em 12/11/2014); “eu tento discutir conceitos, como: Cavalaria Medieval, Feudalismo.” (PROFESSOR A. Entrevista em 18/06/2014); “Normalmente o que eu trabalho é sobre essa questão da exploração dos servos, que eles tinham que pagar uma série de taxas, essa relação do senhor feudal com os servos”. (PROFESSOR B. Entrevista em 11/09/2014). No entanto, este professor procura chamar a atenção de que o servo “não era uma máquina de trabalho”, e que “tinham alguns períodos festivos, principalmente da colheita”. Interessante neste relato é o reforço da ideia de que “havia momentos de diversão, e este é um recorte para os alunos: não era só trabalho, trabalho e trabalho, como às vezes está presente nos livros.” (PROFESSOR B. Entrevista em 11/09/2014).

A questão da religiosidade é outro tema bastante abordado em sala de aula, buscando sempre assuntos que atraíam o interesse dos alunos como percebe-se na fala do professor F: “Bom, a Idade Média a gente invariavelmente acaba trabalhando a partir de três eixos temáticos né, ah...relações de trabalho, ah...de Estado e movimentos sociais e ...religião e religiosidade”. (PROFESSOR F. Entrevista em 21/09/2015). Para os alunos, o ponto que acaba se transformando no espaço mais interessante “é quando a gente invade as discussões com temáticas associadas a mentalidade... cultura e mentalidade, religião e religiosidade ao

exercício de controle que as instituições... que a instituição religiosa em voga na Europa Ocidental.” (PROFESSOR F. Entrevista em 21/09/2015).

Contudo, apesar de alguns docentes compreenderem as habilidades e competências para o ensino fundamental expressas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, é notório a ausência de assuntos que vem sendo cada vez mais abordados pela historiografia, como exemplo, podemos citar os estudos do próprio Le Goff, que escreve sobre a questão dos sujeitos sociais tradicionalmente pouco evidenciados dentro da estrutura social verticalizada do medievo, os chamados excluídos sociais, como os judeus, leprosos, as mulheres e as crianças, etc. (LE GOFF, 2005). A autora Régine Pernoud tem trazido uma visão inovadora a respeito da mulher no medievo⁵, para além do papel de total submissão e completo ostracismo, cogitando inclusive uma participação ativa nas Cruzadas. Outro conteúdo que não aparece na fala dos professores é a questão do estabelecimento da ideia de “orientalismo”, especificamente discutida por Edward Said, que recrudescer no medievo com as Cruzadas e que, portanto, temos na longa duração essa ideia de aversão ao que se refere ao Oriente Médio e a cultura islâmica ou muçulmana⁶, neste sentido, ao fazerem uma abordagem das Cruzadas através de um ponto de vista distinto do anexado nos manuais, esta tentativa poderia criar uma discussão interessante no intuito de desconstrução de preconceitos e estereótipos fortalecidos pela cobertura da mídia hoje aos extremistas islâmicos que promovem atentados terroristas. Outras temáticas que podem ser trabalhadas nas aulas de História Medieval são, por exemplo, a alimentação, a moradia e o lazer. (MENEZES NETO, 2015).

No entanto, alguns professores abordam essa relação oriente/ocidente, quando relatam que:

Esses aspectos, reforçam a o estereótipo da eurocentrismo, do europeu como o difusor do ideal de civilização termos historiográficos inclusive. (...) nesse aspecto eu sempre tento fazer esse jogo aí né, África, Oriente e Europa.” (Professor A. Entrevista em 18/06/2014).

Fazemos estas observações sobre o conteúdo, não como uma crítica, mas sim para chamar atenção para o fato de que a maioria dos professores trabalham apenas a Idade Média

⁵ Sobre este assunto ver também: NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Revista Textos de História**. v. 5, n. 1 (1997). Disponível em: < <http://www.periodicos.unb.br/index.php/textos/article/download/5807/4813>. > acesso em Abril de 2017. Assim como: PILORGET, Júlia. **Dossiê Mulheres na Idade Média: a emancipação pelo trabalho**. Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/historiaviva> > acesso em 20 de Abril de 2017.

⁶ Sobre esse assunto ver o autor: HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

e o feudalismo na Europa Ocidental dentro de eixos cristalizados, como se a Europa neste momento estivesse vivendo em um mundo descolado no tempo e fechado em si mesmo, sem conexões ou trocas com o mundo oriental, portanto, queremos com isso salientar a importância de trabalhar a Idade Média a partir de outras perspectivas que não sejam apenas a europeia. Além disso, temos o intuito de acrescentar novas problemáticas a essa diversidade de discussões que já são bem realizadas na sala de aula pelos professores, como elencado acima.

Neste ínterim, levantamos a possibilidade, - que será revisitada posteriormente - de que essa “cristalização” dos conteúdos no exercício da prática docente, pode ser resultado da construção de um “elitismo” da pesquisa acadêmica que não inclui História Medieval visto que não é uma temática que oferece uma possibilidade de inserção em pesquisas na Pós-graduação na Amazônia. Por isso, os alunos desde a graduação são direcionados no sentido de desenvolver pesquisas dentro de áreas mais consolidadas, com mais ofertas de orientadores e grupos de pesquisas. Dessa forma, poucos são os que pesquisam História Medieval ou que fazem uma relação entre História Medieval e ensino de História, como apontam os depoimentos dos professores:

Foi direcionado mais coisas acadêmicas realmente, mais científicas de caráter científico realmente, não teve nada é... há qual a função do... um artigo, por exemplo, sobre Idade Média no livro didático, não teve isso. De forma, vamos ser bem claro, a Universidade ela trabalha muito mais o bacharelado, ela trabalha muito mais pra você ser um pesquisador... Universidade realmente ela não... prepara, por exemplo, o estudante pra... é, transposição didática” (Professor G. Entrevista em 10/07/2015).

Eu até me puxo, assim, a orelha, por conta da História Medieval porque eu preciso me aprofundar mais...Olha, eu gosto muito de História da Amazônia né... Aí, mas é... Eu também é... Eu tenho bastante livros a respeito de História Contemporânea... É... Mas eu tenho... Eu procuro adquirir bastante livros sobre História da Amazônia. Eu tenho bastante títulos lá em casa. (Professor E. Entrevista em 19/06/2015).

Diante dos depoimentos analisados, apenas um professor apresentou certo entusiasmo na pesquisa e aprimoramento do estudo da temática medieval, resultado, segundo o mesmo, de uma boa formação nessa disciplina, e da pós-graduação que fez em Teologia, demonstrando uma perspectiva distinta em relação aos demais relatos.

Minha pós-graduação, minha especialização foi em História Medieval é...Teologia né,.. procuro estudar justamente, pra rebater digamos assim, aquela visão preconceituosa que a Historiografia Marxista fez a respeito da Idade Média... o meu trabalho e as leituras que eu fiz, que eu tento fazer, tanto no Mestrado, como agora no Doutorado me permitem, que eu adentro nos estudos medievais. (Professor H. Entrevista em 10/11/2015)

Outra possibilidade que se apresenta diante dos inúmeros desafios encontrados por tais profissionais da educação poderia estar relacionada com a composição do próprio livro didático, que apesar dos avanços, ainda necessita de renovações que auxiliem o docente, pois a História pode ser trabalhada numa perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, ou seja, estabelecendo um diálogo com outras temáticas no sentido de emprestar delas alguns saberes, na tentativa de alcançar campos de discussões maiores para que os professores, que por vezes, não tem tempo de buscar essas conexões devido a exaustiva carga horária de trabalho, tenham a possibilidade de ponderar tais estudos. Portanto, segundo Flávia Caimi e Letícia Mistura, vemos manuais didáticos, por exemplo, com uma predominância do papel masculino a frente dos processos históricos. (CAIMI; MISTURA, 2015).⁷ Na Idade Média isso é muito frequente, o protagonismo masculino na narrativa das dinastias e reinos é apenas um indício disso, assim, temos uma abordagem política que foi regra durante muito tempo pela História que priorizou figuras masculinas como grandes personalidades, desta forma, inviabilizou as mulheres e outros agentes sociais e temáticas.

OS PROFESSORES, O LIVRO DIDÁTICO E A HISTÓRIA MEDIEVAL

Acerca dos apontamentos dos docentes, estes discutem sobre a ideia construída pelas escolas e pelos pais sobre a representação do livro didático como a expressão máxima do ensino, o qual não se pode levantar questionamentos, ou buscar trabalhar algum assunto para além do que está contido no livro. Porém, sabemos da importância da desconstrução de conceitos equivocados, e a reconstrução de ideias críticas e reflexivas, pois existe um cuidado muito tênue que deve ser observado na chamada “desconstrução pela desconstrução”. Desta feita, compreendemos que no ato de professar é necessário apontar as correntes distintas, leituras complementares e dispor de outros recursos para além do livro didático, ou correremos o risco de tornar a temática engessada a um recorte tradicional e bipartido discutindo sempre os mesmos eixos temáticos sobre o binômio servo e senhor, ou ainda, as obrigações feudais, divisão do feudo e o poder da Igreja. Como bem apontam os entrevistados:

Eles se baseiam muito nesses livros didáticos, talvez seja por isso que a gente estuda tanto esses livros didáticos, porque para os alunos e pais de alunos aquilo ali cara... é

⁷ Ver ainda sobre esse assunto: PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

a Bíblia mesmo! É algo sagrado, que a gente não pode entrar em discussão! Por isso que é uma coisa que... alguns alunos reclamam por causa disso, entendeu?...O livro didático foi um historiador que está escrevendo, assim como eu, assim como qualquer outro, entendeu? Eu me preocupo sempre com essa questão. (Professor A. Entrevista em 18/06/2014).

Alguns livros eles não tocam, eles são tão resumidos que eles não tocam nessa ideia de idade das trevas, (...) não são todos que fazem essa desconstrução, que a Idade Média não foi uma idade das trevas, que houve um retrocesso. Não são todos que desconstrói essa ideia de que a Idade Média foi um retrocesso, uma idade perdida, um período perdido. (Professor B. Entrevista em 11/09/2014).

A escola me recomendou fazer uso apenas do livro didático, então, considerando que estamos numa escola pública...” (Professor F. Entrevista em 21/09/2015).

O que eu priorizava, a gente tem que seguir o que tá no livro didático, a gente tem que seguir aquilo, então... (Professor H. Entrevista em 10/11/2015).

Observamos, portanto, que o livro didático não é encarado pelo professor como uma simples afirmação incontestável do conhecimento, mas sim um instrumento ativo de mediação da temática medieval. Desta forma, alguns docentes buscam intermediar os desafios da sala de aula e da temática medieval com o recurso mais viável:

Acho que o livro didático ele não mudou significativamente da minha época pra hoje (...) se ele tivesse espaços comparativos mais bem alocados na forma gráfica que o livro tem, neste sentido eu acho que ele contribui pra manter a Idade Média pouco conhecida porque os alunos acabam não utilizando o livro no seu cotidiano (...) inclusive é um dos recursos que eu particularmente acabo usando muito principalmente neste tempo em que a gente tem muita carga horária. (Professor C. Entrevista em 16/10/2014).

Eu encontro muito isso nos livros, por outro lado, quando eu vejo capítulos como, por exemplo, das inovações técnicas do processo, do crescimento demográfico ou do...é... do próprio, a baixa Idade Média já vejo gente procurando romper com essa ideia falando do... é... das produções literárias, das produções filosóficas é...eu acredito que não há, pelo menos em alguns deles dos quais eu já utilizei na sala de aula. (Professor E. Entrevista em 19/06/2015).

Mas, dificilmente eu deixo a minha aula somente ao livro didático, porque, ele não é suficiente pro que eu pretendo, entendeu, ele deixa muito a desejar, ele às vezes não é coerente com o tempo de aula que eu tenho, com o nível dos meus alunos, então eu sempre tenho que adaptar. (Professora I. Entrevista em 17/12/2015).

Vale salientar que segundo o relato de alguns professores algo que ainda é pouco discutido é o fato de que tanto no quesito da temática medieval, quanto em relação a outros assuntos, o profissional da rede pública tem uma liberdade na formulação e seleção de seus conteúdos em detrimento dos profissionais de instituições privadas. Algo que corrobora a questão do livro didático como ditame do conteúdo. Mas consideramos esta uma discussão para outro momento, devido a exiguidade do espaço.

O que nos leva a próxima questão: O que fazem os professores diante dos desafios apresentados pelos conteúdos medievais limitados que são reproduzidos nos livros? Muitos desses profissionais se utilizam das próprias limitações para desconstrução de equívocos e a construção de novos saberes, uma atitude que somente um sujeito autônomo poderia tomar, ou seja, um docente que se reinventa constantemente.

O professor diante da prática do ensino encontra certas dificuldades com os livros didáticos que nem sempre são uma escolha própria de um profissional que foi (em teoria) preparado para discutir tais conteúdos, desta forma, visualizamos na pesquisa que, por vezes os docentes necessitam produzir apostilas próprias, ou editar o conteúdo dos livros que chegam às escolas, ou ainda elaborar os chamados “cadernões”. Alguns dos professores nos dão um vislumbre dessas questões, quando observam:

Eu acabei me deparando com outras perspectivas, e que eu acabei trazendo pra sala, trabalhando mais temas não ligados as estruturas sociais, políticas, por exemplo a questão das bruxas, porque eu quero trabalhar comparativamente alguns textos da época, textos literários mesmo,...mas estou tentando inclusive até um projeto pro ano que vem. (Professor C. Entrevista em 16/10/2014).

Tem um livro, por exemplo, que apresenta diversos textos a respeito de temas medievais, textos assim, que são fontes, fontes históricas que eu procuro colocar pro, enfim, é... Digitar, preparar um materialzinho pro aluno analisar ou colocar uma questão da prova utilizando aquela fonte histórica (Professor E. Entrevista em 19/06/2015).

Eu cheguei a extrair uma, um fragmento de texto, fragmentos de textos que eu discuti em sala de aula, esses textos eram um recurso extra, eu pegava um trecho do livro organizado pelo Philippe Ariès, fazia algumas adaptações, inseria num texto menos denso posso dizer assim mais simplificado” (Professor F. Entrevista em 21/09/2015).

Eu trabalho em uma região quilombola, eu trabalho aonde você não vê, o recurso, o visual, o retroprojeter não tem, eu trabalho em uma escola que às vezes não tem energia elétrica, em uma área rural, eu utilizo muito jogral, eu faço murais, eu levo imagens e passo pra circular...Um material didático mais visual..É... mais produzido de minha autoria do que de fato disponibilizado pela estrutura da escola. (Professora I. Entrevista em 17/12/2015).

Compreende-se que mesmo expostos a condições precárias, ou limítrofes, a capacidade de desenvolver uma aula surge da vocação em não permitir que seja negado aos alunos um conhecimento tão básico e elementar para sua formação, no sentido de construir uma compreensão social pautada nos parâmetros desenvolvidos pela essência da própria disciplina, da História. Teoria sustentada por Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do oprimido*. (FREIRE, 1987). Dessa forma, através destes relatos elencados acima e a partir da fala dos nove professores visualizamos isso como uma situação presente em todas as falas

nesta pesquisa. Afinal, a História, de modo geral, é uma construção coletiva e não individualista, sendo assim, estes professores estão construindo novos currículos e conteúdos todos os dias.

DISTÂNCIAS E APROXIMAÇÕES ENTRE A IDADE MÉDIA E O PRESENTE

Diante das dificuldades encontradas na prática da discussão da temática medieval, uma se apresenta de forma quase imperceptível, pois estamos falando de um tempo medieval, algo que para a realidade da juventude imediatista e tecnológica que vemos hoje tornou-se um questionamento importante: por que estudar um período tão distante no passado e que nem faz parte da história do nosso país? Desta forma, é preciso que cada vez mais os professores possam ter a oportunidade de fazer aulas introdutórias e discutirem a importância das conexões sincrônicas da história, para que localizem espacialmente e culturalmente o medieval, pois ao tratar de assuntos que fazem parte de sua realidade como a Amazônia, o aluno imediatamente compreende quais são os sujeitos e as estruturas que estão sendo discutidas, porém ao tratar de algo que ocorreu, por exemplo, na Europa, é necessário um trabalho teórico e metodológico ricamente trabalhado com imagens, filmes, e outros métodos, que infelizmente, por vezes, os professores não obtêm devido a falta de subsídio. Temos alguns depoimentos que corroboram essa questão:

Trabalhei um tempo desse Invasões Bárbaras na Alta Idade Média, é difícil começar um tema desse do nada, primeiro para eles que não sabem a princípio o que é “Invasões Bárbaras”, é diferente como outro tema, por exemplo, quando fui trabalhar o tema da Amazônia...Primeiramente tem que trazer algum tipo de mídia para que eles se situarem, se for o caso de uma escola pública que não tem, aí eu não faço nada né... vai ficar no mundo da imaginação mesmo né, pois não tem recurso (Professor A. Entrevista em 18/06/2014).

É uma dificuldade na maioria das escolas que precisam pelo menos de um mapa-mundi pra situar geograficamente os alunos, aonde se localiza a Europa nesse período que a gente fala tanto de feudalismo, a existência de um mapa-mundi é uma dificuldade, às vezes o que tem na biblioteca ou em outro lugar é o globo, o globo às vezes salva alguma coisa, mas não é um material tão adequado por que ele é muito pequeno. (Professor B. Entrevista em 11/09/2014).

Explicar pra eles que nesse período não haviam ainda as chamadas nações europeias, não existiam Portugal, não existia uma Espanha, eram reinos na verdade. (Professor G. Entrevista em 10/07/2015).

No entanto, no relato dos professores visualizamos as dificuldades elencadas acima e a capacidade de reinvenção dos docentes ao buscarem utilizar “antigas” ferramentas

pedagógicas para localizar espacialmente a temática para o aluno. Além disso, segundo Holien Bezerra, a importância dessa nova abordagem está pautada em buscar conjugar diversos espaços geográficos/históricos e temporais, buscando relacionar o máximo de conteúdos possíveis para que o aluno compreenda a temporalidade e não veja a história como algo isolado em processos fragmentados dos conteúdos, pois a história precisa ser integrada. (BEZERRA, 2007).

Discutir esta questão é imprescindível, visto que na tentativa de didatizar o conteúdo, alguns professores não problematizam introdutoriamente que o período medieval ou o feudalismo não são processos homogêneos e hegemônicos. Seria interessante reconhecer como parte do mundo medieval e das influências na composição no Brasil os processos vividos no contexto Ibérico. Para Macedo, a ênfase no ensino de aspectos históricos da Península Ibérica “teria muito mais propriedade educativa do que o ensino da História modelada na França ou na Inglaterra, pelo simples fato de que pertencemos a um conjunto cultural específico, no caso, o ibero-americano” (MACEDO, 2006, p. 6-7).

Quanto à questão cultural, temos ainda a situação elencada pela docente I que relata: “Eu trabalho em uma região quilombola... eu trabalho em uma escola que às vezes não tem energia elétrica, em uma área rural” (Professora I. Entrevista em 17/12/2015). Dessa maneira, ao trabalhar a Idade Média tais profissionais precisam mediar questões importantes, pois trata-se de uma sociedade europeia e de um território que difere em sua organização social e cultural daquilo que eles compreendem e na qual estão inseridos. Mesmo que estejamos falando de um mundo globalizado, algumas questões culturais devem ser preservadas e problematizadas. Neste sentido, para Holien Bezerra também é necessário examinar criticamente a seleção de conteúdos, esta deve ser realizada levando em consideração o conhecimento prévio do aluno, o meio social em que ele está inserido, não somente a questão cultural, mas também a questão econômica que o permeia. (BEZERRA, 2007). O aluno não deve “saber” sobre a Idade Média apenas por “saber”, isso deve fazer sentido para ele.

Ao examinar os relatos dos docentes, podemos detectar que ao realizarem estas relações passado-presente, mais da metade dos professores visualizam a possibilidade de trabalhar o conceito de anacronismo através de exemplos e diferenças, tornando-se uma oportunidade para que os alunos entendam este conceito tão caro para a historiografia. Portanto, a temática medieval oferece esta possibilidade de executar o que Bloch chamaria de “*devoir*” historiográfico, que insiste no *vai e vem* constante entre o passado e o presente, afinal

segundo Bloch, “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não é talvez coisa menos vã consumirmo-nos a compreender o passado, se nada sabemos do presente” (BLOCH, 2001, p. 47). Dessa maneira, podemos ver as continuidades, permanências e dessemelhanças entre os períodos estudados, como afirmam:

(...) a partir do viés da historiografia que a gente segue pra discutir Idade Média atado à religião-religiosidade é...há um risco muito grande do aluno fazer um juízo de valores(...) ele parte das discussões que estão sendo travadas no livro didático nos livros de história e costuma cometer alguns, além dos anacronismos que são recorrentes, então, é importantíssimo a gente antes do aluno fazer isso, a gente se antecipar e manter vivo esse diálogo entre passado e presente” (Professor F. Entrevista em 21/09/2015).

(...) semelhanças hoje com a Idade Média e com a atualidade, essa questão do latifúndio, do feudo, ela pode ser comparada com a questão do latifúndio, grandes propriedades e sempre separa aquela ideia de, hoje tem o escravo rural, e eu separo essas ideias de que servo não é a mesma coisa que escravo rural (Professor B. Entrevista em 11/09/2014).

No entanto, alguns docentes almejam relacionar a temática medieval com a realidade do aluno, buscando construir uma reflexão crítica cuidadosa, de forma geral, não especificamente sobre o currículo medieval, mas das novas discussões a partir das perspectivas trazidas por Paulo Freire. Assim, passou-se a entender que o currículo precisa ser flexível, se adequando a realidade do aluno, trazendo particularidades, o chamado currículo *interativo* aquele que é aplicado na sala de aula adaptado pelo docente e articulado no cotidiano escolar. (FREIRE, 2011) A partir dessa visão, tais professores afirmam que:

Quando é possível sim, dependendo do que tá sendo trabalhado quando se fala do próprio papel da igreja, a influência da igreja na sociedade principalmente porque estou em uma escola onde a maioria é evangélico ortodoxo. (Professor D. Entrevista em 12/11/2014).

Acho que o papel da história é... sempre tentar puxar pro presente, é você compreender o cristianismo como algo que foi sendo construído ao longo dos tempos né, e chegou até aqui ao povo brasileiro como religião, a principal religião onde tem mais adeptos do país é uma questão de você compreender o processo de onde ela surgiu, como ela se fortaleceu...procurando relacionar o conteúdo medieval com a atualidade, pra que isso faça sentido pro aluno” (Professor G. Entrevista em 10/07/2015).

Nota-se que é possível identificar, nas falas dos professores, a percepção de que a temática medieval pode ser tratada de forma agradável e prazerosa, e mais que isso, ter significado para o aluno. É preciso que os professores assumam a responsabilidade de tomar como referenciais problemáticas sociais, culturais, mentais, sexuais etc., trazendo algumas questões para a realidade do aluno, auxiliando o mesmo a compreender a relação passado-

presente que envolve a história, para que este aluno se reconheça como um sujeito histórico e social ativo.

Partindo de um panorama geral, sobre a educação básica, os autores Carla Pinsky e Jaime Pinsky elucidam que o professor também tem a responsabilidade de se atualizar, pesquisar, buscar o conteúdo para formar criticamente e humanisticamente o aluno como um ser transformador e ativo de sua história/espço e buscar evitar o *desconstrutivismo* banal. Mais importante que isso é a contextualização, abordar temas e conceitos que despertem a crítica do aluno, como a Idade Média. Como citam os autores, “o historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo, nem cronista pode ser.” (PINSKY; PINSKY, 2007, p. 19). Diante dessa visão, gostaríamos de complementar o quão bom seria se houvessem subsídios para o professor executasse seu aperfeiçoamento.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO DA IDADE MÉDIA

No que se refere aos recursos didáticos utilizados pelos professores em sala de aula, nota-se que existe uma preocupação dos mesmos em buscar diferentes meios de atrair a atenção e o interesse dos alunos, porém, existem algumas barreiras estruturais que se encontram na rede pública que dificultam a ação dos professores em trazer para a sala de aula recursos acessíveis e atraentes para os educandos. Nesse sentido, o recurso didático mais utilizado ainda é o livro didático. No entanto, percebe-se que há uma utilização de determinadas fontes que estão contidas nos livros de História:

Imagens eu uso bastante também. Uma coisa, que por exemplo, eu uso muito, é o livro didático. Até mesmo, quando eu vejo que o livro não é bom, pelo menos as imagens ajudam né... Aí, eu posso pegar uma imagem daquelas. (PROFESSOR A. Entrevista em 18/06/2014).

Normalmente os recursos que eu uso são os do livro mesmo, as imagens elas são bem exploradas, eu explico bastante o que às vezes está por trás de uma determinada imagem, às vezes a imagem ela quer passar uma ironia, ou então ela quer passar um acontecimento próprio daquele período. (PROFESSOR B. Entrevista em 11/09/2014).

Os depoimentos nos apontam uma posição diferente das pesquisas que se resumem apenas em “condenar” o modo como a Idade Média é abordada nos livros didáticos de História, desconsiderando que o professor pode utilizar o livro de diversas maneiras, e que mesmo que o mito da “Idade das Trevas” ainda esteja presente nos didáticos, isso não significa que ela é transmitida de forma passiva aos alunos. Mesmo com um livro que tenha

problemas, o professor pode utilizá-lo de forma que auxilie os alunos na compreensão do tema Idade Média, por exemplo, analisando imagens produzidas sobre o período.

Todos os professores falam sobre a importância da leitura das imagens como um recurso didático muito valioso sobre esse período, temos neste diagnóstico uma constante preocupação com a compreensão do desenvolvimento dessa habilidade. A Idade Média é um período considerado imagético, porém ainda assim não possui o mesmo apelo visual se comparado a outros períodos como a História Contemporânea. Contudo, as denominadas iluminuras medievais dão uma boa ideia de sua mentalidade e também de outros aspectos, principalmente da realidade rural da França e da Inglaterra, desta forma, alguns professores tem a preocupação em trabalhar a leitura destas imagens, que também são fontes e documentos históricos, ainda pouco explorados nos livros didáticos, assim como o estudo da arquitetura e da arte que se constitui neste período e que está imbricada pelas influências sociais e históricas do período medieval. Perspectiva elucidada por Peter Burke (2004), quando este aponta a importância de se interrogar às imagens, realizando uma leitura crítica, para ajudar os alunos a compreenderem quais são as intenções contidas nestas imagens.

Além dos livros didáticos, os professores das escolas públicas de Belém utilizam outros recursos, sendo predominantes os audiovisuais:

Filmes, documentários, por exemplo o *History Channel* é um canal que produz muito documentário. (...) Eu passo pra eles geralmente para verificar e quebrar alguns mitos, certo? (PROFESSOR A. Entrevista em 18/06/2014).

Por exemplo, eu gosto muito de trabalhar um episódio do Chaves da bruxa Baratuxa que acaba servindo pra fazer essa discussão que é um atrativo pras crianças e adolescente dessa faixa etária que ainda hoje veem muito o Chaves e a gente acaba utilizando muito esse recurso no sentido de chamar eles a essa reflexão, eu também uso alguns trechos de alguns filmes, referentes a questão da inquisição, um deles é “O nome da Rosa. (PROFESSOR C. Entrevista em 16/10/2014).

Filmes, são basicamente os tradicionais, “O Nome Da Rosa, “O Caçador de Bruxas” e qualquer outro dentro do período da Idade Média que trate assuntos da Idade Média, que aí você já pode entrar em outros assuntos, como “Lutero”. (PROFESSOR D. Entrevista em 12/11/2014).

Eu utilizo de recursos tecnológicos quando é disponível o Datashow, eu utilizo aulas em slides e também trabalho com filmes (PROFESSOR E. Entrevista em 19/06/2015).

Eu já tive oportunidade de trabalhar com os meus alunos, vídeos, a BBC lançou tempos atrás uma coletânea muito bacana, eh...tinha no meio dessa coletânea uma animação muito legal que discutia a questão da Idade Média”, (PROFESSOR F. Entrevista em 21/09/2015).

Podemos identificar que os professores buscam a utilização de linguagens diferenciadas almejando levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado, e que lhe proporcione condições de se conectar com o conteúdo medieval, por exemplo, a literatura, jogos, ou a música: “o disco ‘Cinco’ da Legião Urbana tem toda uma discussão sobre os Cavaleiros Medievais. (...) Para usar uma música que fale sobre a Idade Média, e que é feita pelo homem do século XX” (Professor A. Entrevista em 18/06/2014). Destacamos estes recursos, pois a definição dos objetivos no processo de ensino-aprendizagem nos indica que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: “O que se torna significativo e relevante consolida seu aprendizado (...) O que provoca conflitos e dúvidas estimula-o a distinguir, explicar e dar sentido para o presente, o passado e o futuro, percebendo a vida como suscetível de transformação.” (PCN, 1998, p. 38).

A autora Circe Bittencourt afirma que, ao trabalhar determinados recursos temos que estar atentos, pois a partir deste contexto em que estamos vivendo, uma sociedade consumista que gera um ritmo mais acelerado, onde tudo se transforma muito rápido, o aluno vive permeado pelo que a autora denomina de *presenteísmo*, que gera uma dificuldade de se construir um entendimento, um análise de que, para que o presente se constituísse desta maneira foi necessário que no tempo passado acontecesse uma série de questões, desdobramentos e processos sociais, econômicos e políticos que influenciaram no tempo presente gerando a história e as concepções de presente que eles vivem e experienciam cotidianamente. Com este novo contexto mundial do capitalismo, o passado pode ainda ser visto de forma defasada e inútil. Sendo assim, a autora problematiza que a introdução destas tecnologias se faz necessária, mas observa que apesar da necessidade do uso destas tecnologias, o professor deve problematizá-las sempre que fizerem o seu uso, para que não se tornem a história em si, somente um mecanismo de se alcançar parte dela. No caso, quando estes tiverem acesso a estas tecnologias, coisa rara na rede pública. (BITTENCOURT, 2004).

Apesar dos filmes serem o recurso didático preferido para se trabalhar a Idade Média no ensino fundamental, percebemos que há uma queixa geral dos professores em relação à estrutura das escolas públicas, que não permite que possam explorar mais os recursos tecnológicos. Quando a escola possui o data-show ou o DVD, há uma verdadeira “guerra” entre os professores das diversas disciplinas para utilizar esses recursos, às vezes o professor de História deve “entrar na fila” até que lhe seja disponibilizado os equipamentos. Soma-se a isso a pouca disponibilidade de computadores nas escolas públicas, que, quando os possuem,

é em pequena quantidade em relação ao número de alunos nas turmas. Há de se convir que quatro ou cinco alunos por computador dificulta a atividade pedagógica.

Também se percebeu que as visões constituídas sobre o período medieval são diversificadas e construídas para além do universo escolar, algumas vezes pelos próprios alunos, através das mídias, dos filmes, quadrinhos e até mesmo jogos, games e RPG's. Como importante parte do universo de saberes históricos, estas inovadoras metodologias são apropriadas pela maioria dos docentes entrevistados como intuito de atualizar o discurso e dinamizar as aulas, mesmo diante das dificuldades relatadas.

COMO OS PROFESSORES AVALIAM A SUA FORMAÇÃO EM HISTÓRIA MEDIEVAL NA GRADUAÇÃO?

As entrevistas também procuraram questionar os professores sobre como eles avaliam a sua formação em História Medieval na graduação em História, se ela contribuiu para as suas práticas pedagógicas.

A maioria dos professores considerou sua formação insuficiente ou deficitária na temática medieval. A maioria apontou que lecionar Idade Média no ensino fundamental, foi “mais na prática enquanto professor” do que uma preparação que tiveram nas aulas da graduação, vistas como muito distantes da realidade do ensino fundamental. Também acusam que não houve uma discussão sobre História Medieval e ensino, era uma discussão mais historiográfica, servindo mais para quem fosse se dedicar à pesquisa. Considerando que os professores entrevistados tiveram uma formação em História na primeira década dos anos 2000, tais constatações são preocupantes e apontam que a formação superior ainda deve aperfeiçoar o diálogo com a educação básica:

A abordagem no mundo acadêmico e a abordagem no ensino fundamental e médio, ainda tá muito distante né. (...) fazer essa conexão, educação básica e superior, isso na nossa geração não existia né, principalmente no mundo do qual eu vim, que é um mundo na verdade do bacharelado, não tinha essas discussões, não tinha essa preocupação em pensar como é que eu uso essa discussão acadêmica no ensino fundamental e médio. (PROFESSOR A. Entrevista em 18/06/2014).

O curso em geral é um curso deficitário, um curso meio sem foco, não tinha uma unidade entre as disciplinas, uma unidade programática, eu tenho essa impressão, é um impressão minha, pois a gente terminava uma disciplina e começava outra disciplina do outro bloco e parecia que as coisas eram sem conexão nenhuma, não havia conexão, parecia que cada professor fazia de acordo com as suas ideias, que não é um problema em si, mas traz problema pra continuidade, eu acho que foi muito deficitário, eu acho que eu aprendi mais em sala de aula mesmo, no dia a dia e

depois usando as ferramentas da pesquisa que eu aprendi lá, eu pude ir me subsidiando. (PROFESSOR C. Entrevista em 16/10/2014).

Olha é complicado falar sobre isso, pois a minha formação em Idade Média eu considero fraquíssima, muito fraca, é eu não posso nem considerar que eu tive uma boa formação, então assim eu vejo que a minha ideia de Idade Média eu tive que trabalhar, eu trabalhando só, eu pesquisando, eu trabalhando...(...) Foi mais autodidata, do que realmente a própria universidade contribuindo pra algo nesse sentido. (PROFESSOR D. Entrevista em 12/11/2014)

Curioso é que, em pesquisa realizada com professores do Ensino Médio que lecionaram em escolas de Belém na década de 1990, Stela Pojuci Morais constata que:

Afirmam também os professores, na sua maioria, que a prática que hoje eles têm foi “construção de cada um”, através de leituras, trocas de experiências com outros colegas, reflexões no dia a dia, e não fruto de uma orientação recebida na universidade. (MORAIS, 2006, p. 288).

Mesmo não abordando em específico o ensino de História Medieval, o estudo de Stela Morais sugere que a formação do professor de História ainda é considerada insuficiente de uma forma geral para a maioria dos professores. Semelhante constatação é feita por Márcio Couto Henrique, que em entrevistas com professores formados pela Universidade Federal do Pará (UFPA) entre 1980 e 2005, aponta que a maioria respondeu que a formação recebida na graduação “não os preparou suficientemente para a sala de aula”, indicando que a graduação “é mais voltada para o bacharelado” ou ocorre “falta de práticas pedagógicas”. (HENRIQUE, 2012, p. 123).

Ou seja, as afirmações dos professores entrevistados por Stela Morais e os que foram entrevistados por Márcio Couto Henrique, entre as décadas de 1980 e 2000 se assemelham bastante aos que entrevistamos para esta pesquisa. Passadas mais de duas décadas, os professores ainda notam uma deficiência na sua formação em relação ao ensino.

Entretanto, observamos que a opinião de um curso deficitário e insuficiente não é total, pois um dos professores que teve sua formação no mesmo local dos entrevistados, diverge dos outros. Neste relato, contudo, o elogio à formação se deve mais a um professor da disciplina do que ao curso como um todo:

Olha, é um pouco complicado a gente fazer um julgamento desses sem ter um referencial, um referencial preciso, por exemplo, seria importante se eu fizesse o mesmo, o curso de Idade Média com um outro professor, em uma outra instituição, em outra situação, mas eu tive a oportunidade de pegar na época um professor, que era substituto, e que...apesar, de não ser medievalista, era um cara que tinha uma afinidade muito grande, e toda essa afinidade, se traduziu num empenho extra (...), e despertou ainda mais um interesse ainda maior pra que nós tivéssemos a autonomia

de fazer busca por novos textos, por outras leituras. (PROFESSOR F. Entrevista em 21/09/2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos dos professores, pode-se dizer que o ensino de História Medieval apresenta-se como um desafio para os docentes que atuam em escolas públicas de Belém. O ensino da temática da Idade Média ainda apresenta vários problemas na educação básica e são diversas as causas que geram essa conjuntura.

A pesquisa nos permite identificar uma das mais preocupantes delas: a má formação na temática da Idade Média no curso de História. A disciplina História Medieval é geralmente restrita a um semestre, geralmente no início do curso, quando os alunos ainda não tem uma maturidade nas discussões historiográficas, não sendo abordada depois ao longo da graduação. A disciplina é voltada para a pesquisa, sem conexões com o ensino básico. O professor só passa a vê-la de fato na prática docente, sem um preparo adequado na graduação.

Outro aspecto que incide na qualidade do ensino sobre o medievo é a carga horária excessiva dos professores da escola pública. No intuito de aumentar o baixo salário, os professores assumem um número excessivo de horas de trabalho o que resulta em pouco tempo para o estudo e preparo de material sobre a Idade Média. Nenhum dos entrevistados falou que tinha tempo para a elaboração desses materiais, o que faz com que o professor se baseie apenas nos conteúdos trazidos pelos livros didáticos para lecionar, não problematizando e analisando os principais conceitos referentes ao período em discussão.

Quanto ao interesse nesta temática é possível identificar, tomando como referência as entrevistas, que a História Medieval não é um tema de especialidade dos professores. Os cursos de História no Pará de certa forma “impedem” que os alunos pesquisem História Medieval, concentrando-se na História da Amazônia. No Estado também não há programas de pós-graduação voltados para a História Medieval, de modo que o professor que queira se especializar nessa temática deve estudar em outro Estado. A Idade Média aparece mais como temática obrigatória no ensino do que uma área na qual os professores possam se dedicar à pesquisa. Desse modo, os professores acabam não se atualizando nas discussões historiográficas sobre a História Medieval.

Ressalta-se ainda, as dificuldades enfrentadas por alunos e professores no dia-a-dia em sala de aula. Os obstáculos do cotidiano do ensino são diversos: vários professores apontam

que os alunos chegam ao ensino fundamental maior (6º ao 9º anos) sem o nível de leitura e da escrita condizente (alguns podem ser enquadrados nos casos de “analfabetismo funcional”), o que traz problemas de compreensão de texto. Também é constantemente citado pelos docentes as precárias condições estruturais das escolas impossibilitando a implementação de recursos didáticos mais atrativos que busquem diversificar as aulas. Soma-se a isso o excesso de alunos por turma e a indisciplina, o que faz com que o professor perca bastante tempo da aula “chamando a atenção” dos alunos. Todo esse contexto adverso influencia no momento do professor ministrar os conteúdos da temática da Idade Média. Assim, por mais que se prepare e tenha uma vasta leitura sobre o tema, a realidade encontrada na sala de aula dificulta que o professor realize uma aula que fuja do “tradicional”.

Podemos notar que os relatos dos professores podem ser extremamente relevantes para a diagnose da conjuntura do ensino da temática “Idade Média” nas escolas públicas, tomando como um exemplo o caso de Belém, revelando, a partir das suas perspectivas, as principais dificuldades desta tarefa. O conhecimento dessas elucubrações é útil para a construção de futuras políticas e metodologias de ensino que estreitem os laços entre a universidade e o que realmente se expõe em sala de aula promovendo um melhor reconhecimento, pelos alunos, dos valores desenvolvidos neste período que estão ainda hoje presentes em nossa sociedade.

Por fim, como evidenciado anteriormente, reiteramos que o livro didático é um dos instrumentos imprescindíveis de informação utilizada por boa parte dos docentes amazônicos das escolas públicas de Belém, no que se refere ao medieval, especificamente daqueles que possuem pouco acesso aos bens de cunho econômicos, tecnológicos e culturais. Dessa forma, o livro didático, no que diz respeito a temática medieval exerce um papel fundamental no processo de ensino e escolarização do aluno, tornando-se na prática, por vezes, a principal fonte de referência para a sua efetiva formação, e introdução no mundo da escrita e da interpretação, por isso se faz tão necessária a discussão dos conteúdos e dos desafios enfrentados por esses docentes, desta forma, este trabalho busca acima de tudo dar voz a esses profissionais que estão na “frente de batalha” diária para cumprir a complexa tarefa de lecionar. Esperamos que os ecos de suas vozes ressoem no sentido de uma reflexão acerca desse assunto.

Artigo recebido em janeiro de 2017. Aprovado em julho de 2017

FONTES

Entrevistas:

Professor A. Entrevista concedida em Belém. 18 jun. 2014.

Professor B. Entrevista concedida em Mosqueiro (distrito de Belém). 11 set. 2014.

Professor C. Entrevista concedida em Mosqueiro (distrito de Belém). 16 out. 2014

Professor D. Entrevista concedida em Belém. 12 nov. 2014.

Professor E. Entrevista concedida em Belém. 19 jun. 2015.

Professor F. Entrevista concedida em Belém. 21 set. 2015.

Professor G. Entrevista concedida em Belém. 10 jul. 2015.

Professor H. Entrevista concedida em Belém. 10 nov. 2015.

Professora I. Entrevista concedida em Belém. 17 dez. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais - Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, Néri de Barros. A História Medieval no Brasil. **Revista Signum**, 2013, vol. 14, n. 1, p. 1-16.

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval, vol. I**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: Karnal, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Florianópolis: Edusc, 2004.

CAIMI, Flávia Eloisa; Letícia Mistura. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010). *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 229-246, Jul. 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Idade Média: o nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HENRIQUE, Márcio Couto. A UFPA e a formação do professor-historiador. In: PEREIRA, Edir Augusto Dias; NUNES, Francivaldo Alves. (orgs.). **Encontros de história e educação: pesquisa social, histórica e política em educação**. Brasília: Editora Kiron, 2012.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LANGER, Johnni. O ensino de História Medieval pelos quadrinhos. **História, imagem e narrativas**. n. 8, abril/2009.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____. Uma longa Idade Média. In: **A História pode ser dividida em pedaços?** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MACEDO, José Rivair. Os Estudos Medievais no Brasil: Tentativa de síntese. **Reti Medievali Rivista**, Firenze University Press, vol. 7, n. 1, pp. 01-10, 2006.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. História Medieval no Ensino Fundamental: Relato de experiência em uma escola pública do distrito de Mosqueiro (Pará - Brasil). **Rev. Hist. UEG** - Anápolis, v.4, n.2, p. 320-339, ago. /dez. 2015.

MORAIS, Stela Pojuci Ferreira de. Professores de História e contadores de suas histórias: um estudo da prática educacional em escolas públicas e particulares de Belém. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; LIMA, Maria Roseane Pinto. (orgs.) **Faces da história da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 1993, pp. 143-162.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Revista Textos de História**. v. 5, n. 1 (1997). Disponível em: <

<http://www.periodicos.unb.br/index.php/textos/article/download/5807/4813>. > Acesso em 30 abr. 2017.

Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação - 5ª a 8ª séries. 1998. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pcn5a8.asp>. Acesso em 23 abr. 2017.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Possíveis passados: representações da Idade Média no ensino de História.** Porto Alegre: Zouk, 2008.

PERNOUD, Régine. **Idade Média: O que não nos ensinaram.** Rio de Janeiro: Editora Agir, 1994.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PILORGET, Júlia. **Dossiê Mulheres na Idade Média: a emancipação pelo trabalho.** Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/historiaviva> > Acesso em 20 de abr. 2017.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História.** São Paulo, n. 14, pp. 25-39, fev., 1997.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Edilene. Cinema e ensino de história: a Idade Média em O Nome da Rosa de Jean-Jacques Annaud. **O Olho da História.** Salvador (BA), n. 17, dez. 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.